

# **O ESPELHO** E OUTROS CONTOS MACHADIANOS





# O ESPELHO

## E OUTROS CONTOS MACHADIANOS

Machado de Assis

ORGANIZAÇÃO

Ivan Marques

ILUSTRAÇÕES

Angelo Abu



editora scipione

*Gerência editorial*  
Sâmia Rios

*Responsabilidade editorial*  
Maria Viana

*Edição*  
Adilson Miguel

*Revisão de provas*  
Gislene de Oliveira, Amanda Valentin,  
Erika Ramires e Paula Teixeira

*Edição de arte*  
Marisa Iniesta Martin

*Programação visual*  
Marisa Iniesta Martin

*Editoração eletrônica*  
Negrito Produção Editorial

*Iconografia*  
Léo Burgos

## editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400  
6.º andar e andar intermediário Ala B  
Freguesia do Ó  
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

DIVULGAÇÃO  
Tel.: (0XX11) 3990-1810

CAIXA POSTAL 007

VENDAS  
Tel.: (0XX11) 3990-1788

www.scipione.com.br  
e-mail: scipione@scipione.com.br

2010  
ISBN 978-85-262-7032-9 – AL  
ISBN 978-85-262-7033-6 – PR  
Cód. do livro CL: 736395  
1.ª EDIÇÃO  
3.ª impressão  
Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Assis, Machado de

O espelho e outros contos machadianos/  
Machado de Assis; organização Ivan Marques;  
ilustrações de Angelo Abu. – São Paulo: Scipione,  
2008. (Coleção Literatura & Cia.)

I. Contos brasileiros I. Marques, Ivan. II.  
Abu, Angelo. III. Título. IV. Série.

08-05152 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Contos: Literatura brasileira 869.93

### Textos complementares

Ivan Marques  
Adilson Miguel



• • •

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• • •

# SUMÁRIO



Humor e desencanto 6

O ESPELHO 13

O EMPRÉSTIMO 25

VERBA TESTAMENTÁRIA 35

GALERIA PÓSTUMA 47

O MACHETE 59

NOITE DE ALMIRANTE 75

O CASO DA VARA 85

IDEIAS DE CANÁRIO 95

UMAS FÉRIAS 103

MACHADO DE ASSIS E A FILOSOFIA 113

O pensamento de Machado de Assis 115

Sobre as fontes filosóficas de Machado 122

Machado de Assis – Vida e obra 140

Referências bibliográficas 147

# HUMOR E DESENCANTO

Machado de Assis foi considerado já em sua época o maior escritor brasileiro. Cem anos depois de sua morte, além de se manter bravamente no posto, ele rompe fronteiras e conquista cada vez mais leitores do mundo inteiro. A obra renovadora de Machado aos poucos se impõe como uma grande realização da literatura ocidental. O autor impressiona pela acuidade de seu pensamento e pelo estilo refinado e sóbrio — não por acaso ele se consagrou como um dos maiores cultores da língua portuguesa.

Escrever “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia” foi a especialidade de Machado. Essa combinação de humor e desencanto é resultado de suas leituras da Bíblia, de filósofos antigos e modernos, das obras de autores como Shakespeare, Cervantes, Pascal e Schopenhauer. Mas certamente se deve também aos percalços de sua condição particular de intelectual de origem humilde, num país escravista e patriarcal. Apesar da linguagem cheia de influências dos séculos anteriores, Machado dirigiu seu olhar aguçado para o que lhe era mais próximo: as relações sociais do Brasil na segunda metade

do século XIX. Seu feito clássico não impediu que ele se tornasse um dos pensadores mais radicais da época. Por trás da nobreza e das marcas do tempo presentes em seus textos, esconde-se uma literatura moderna e ousada. Daí ouvirmos com frequência que Machado foi clássico e moderno, brasileiro e universal.

O autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, entre outros grandes romances, escreveu cerca de duzentos contos. Há quem diga que sua obra como contista é superior à que produziu como romancista. Essas narrativas foram reunidas por Machado em sete volumes: *Contos fluminenses*, *Histórias da meia-noite*, *Papéis avulsos*, *Histórias sem data*, *Várias histórias*, *Páginas recolhidas* e *Relíquias de casa velha*.

Na juventude, Machado de Assis colaborou fartamente em periódicos como o *Jornal das Famílias* e *A Estação*. Nessa época escreveu histórias folhetescas voltadas para o público feminino — segundo ele, “as páginas mais desambiciosas do mundo”. As obras-primas do conto machadiano só viriam à tona após a “crise dos quarenta anos” e o seu famoso renascimento como escritor. A reviravolta, ocorrida no começo da década de 1880, foi explicada por Machado com a afirmação de que “perdera todas as ilusões sobre os homens”. É a época dos contos-teorias, que analisam de modo crítico e pessimista temas como o egoísmo, a crueldade, os limites entre a razão e a loucura, o triunfo da aparência sobre a essência.

Esta antologia tem como principal objetivo contribuir para a reflexão sobre a visão de mundo machadiana e suas relações com a história da filosofia. A narrativa que abre o livro é o mais célebre dos contos-teoria de Machado de Assis, “O espelho”. Essa “nova teoria da alma humana” trata de um dos problemas fundamentais de sua obra: a identidade. Quem é o personagem Jacobina? Despido do seu papel social, o alferes não possui unidade, e sua existência quase se apaga. A farda, símbolo do *status*, é que lhe dá consistência

— desde, é claro, que outros a vejam, pois o fraco indivíduo não pode dispensar esse espelho.

Diversos contos ensinam que o mais seguro é viver conforme as convenções sociais, desprezando as “leis do coração” (ao contrário do que defendiam os escritores românticos). A grande lição: mais importante do que *ser* é *parecer*. Como revela o conto “Galeria póstuma”, a sinceridade é um perigo e pode até inviabilizar a vida social. Todos os personagens precisam fingir, sobretudo os que ocupam as posições mais baixas.

A desigualdade social é a matriz de quase todos os enredos machadianos. No conto “O empréstimo”, que gira em torno da avareza e da potência do dinheiro, assistimos à humilhação que sofrem os “fracos”, convertidos muitas vezes em hipócritas, enquanto aos “fortes” cabe o papel de cínicos. Os vencidos têm ainda a alternativa da inveja, que soa como uma espécie de protesto no intrigante conto “Verba testamentária”. Esse “teatro de desigualdades”, conforme observou o crítico Alfredo Bosi, não é distinto da própria natureza, vista como mãe e inimiga no delírio do personagem Brás Cubas e na famosa teoria do *Humanitismo*, elaborada pelo “filósofo” Quincas Borba.

Egoísmo, conservação: eis a lei da natureza e da sociedade. Na relação com o outro, a pessoa que age abertamente é ingênua e se dá mal. Vence quem elege o interesse e a máscara, em detrimento da paixão, como faz a personagem Deolinda, do conto “Noite de Almirante”. A traição é comum nessas relações assimétricas, como se vê também em “O machete”, conto de 1878 que Machado não chegou a publicar em livro. Nesse texto, o curioso duelo entre o violoncelo e o cavaquinho revela não apenas o processo de substituição da *arte* pelo *passatempo*, mas também o contraste entre a rua (a opinião) e o mundo interior ou doméstico, onde se refugia o artista desprezado pela multidão. Lucrécia, a menina escrava de “O caso da



vara”, em sua absoluta fragilidade também vive “para dentro” (sem presença no mundo social), pronta a ser sacrificada no embate com os seus senhores.

Além do aprendizado das aparências e do triunfo dos mais fortes, Machado também demonstra com essas narrativas a precariedade da consciência dos personagens e a necessidade de relativizar todas as convicções. Em “Ideias de canário”, concebido à moda dos contos filosóficos do século XVIII, ele mostra que a nossa percepção das coisas varia de acordo com a posição que ocupamos. Outro exemplo disso é a transformação das “férias sem gosto” em “alegria sem férias” no conto que fecha esta antologia. “A contradição é deste mundo”, repetia sempre Machado. Todas as coisas podem converter-se subitamente em seus contrários. Nada existe além das aparências ou além daquilo que nossos olhos alcançam e que nosso coração almeja. Fora daí, como diz várias vezes o canário, “tudo é ilusão e mentira”.

*Ivan Marques*







# O ESPELHO

## ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão era a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os

**O espelho** foi publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* (1882) e, em seguida, no volume *Papéis avulsos* (1882).

querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões que se deduziram do tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, — uma conjectura, ao menos.

— Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma

das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no coração.*”<sup>\*</sup> Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

— Não?

— Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, — na verdade, gentilíssima, — que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

— Perdão; essa senhora quem é?

— Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

<sup>\*</sup> Shylock é personagem de *O mercador de Veneza*, de Shakespeare. A citação é do ato III, cena 1.